

LINGUAGEM: UMA EXPERIÊNCIA A PARTIR DE HEIDEGGER

LANGUAGE: AN EXPERIENCE BASED ON HEIDEGGER

GILSON DIONISIO DA SILVA JUNIOR¹

<https://orcid.org/0009-0004-8864-5766>

RESUMO: A todo momento falamos, e falamos de diversas maneiras: na palavra falada, num calar, em um gesto ou pensamento. Isso nos revela o fato de sermos indissociáveis da linguagem, pois de comum já é dito que o humano é um ser de linguagem. Todavia, o que é linguagem? Expressão? Comunicação? A fala pertence à linguagem, mas não traz à tona aquilo que a linguagem é, apenas evidencia uma das maneiras da linguagem. A linguagem não pertence ao humano, mesmo este estando nela. A partir disso, a investigação que faremos nesse trabalho se dará a partir da análise bibliográfica dos textos de linguagem de Martin Heidegger (1889-1976), o que compreende sua produção do período pós 1930, abordando a linguagem não numa perspectiva linguística, mas como uma manifestação, uma experiência. Adentraremos a linguagem a partir dela mesma a fim de, primeiramente, compreendermos como se dá a linguagem a partir do legado que a tradição filosófica nos deixou e, depois, o que significa a linguagem como experiência, como morada do ser – ou seja, a partir do pensamento fenomenológico de Heidegger, queremos acessar a essência da linguagem.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem; Experiência; Lógica.

ABSTRACT: At every moment we speak, and we do so in different ways: through spoken words, in silence, through gestures or thoughts. This shows that we are inextricably linked to language, as it's commonly said that man is a linguistic being. But what is language? Expression? Communication? Speech is part of language, but it doesn't reveal what language is; it merely highlights one of its aspects. Language doesn't belong to man, even though man exists within it. With this in mind, the investigation we will undertake in this paper will begin with a bibliographical analysis of Martin Heidegger's (1889-1976) texts on language, focusing on his post-1930 production. We will approach language not from a linguistic perspective but as a manifestation, an experience. We will look at language from within in order to understand, firstly, how language unfolds on the basis of the heritage of the philosophical tradition and, secondly, what it means for language to be an experience, a dwelling place of being - in other words, drawing on Heidegger's phenomenological thought, we aim to access the essence of language.

KEYWORDS: Language; Experience; Logic.

Introdução

Linguagem? O que quer dizer isso? Por tantas vezes, todos os dias, estamos falando e nos comunicando, nos expressando e raciocinando, e pouco nos perguntamos a respeito da

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de São João del-Rei. Bolsista do CNPq. Contato: gilsondionisio49@gmail.com. Link do currículo: <http://lattes.cnpq.br/1784352439281713>.

linguagem, acerca de sua relevância e exercício, de como ela se manifesta e como a experienciamos, levando-nos a perguntar: o que é a linguagem? Desde a pergunta feita podemos já colocar alguns questionamentos, pois dentro da questão “o que é...?” já há uma afirmação dizendo que a linguagem, como tal, é alguma coisa, vige e existe. Como conseguimos, então, experimentar a linguagem? Existe uma forma possível de definir o que é linguagem?

Ao falarmos de linguagem, logo somos remetidos a um fato básico: falamos. E falar não nos é limitado apenas à locução de sons, como menciona Heidegger:

[...] o homem fala. Falamos quando acordados e em sonho. Falamos continuamente. Falamos mesmo quando não deixamos soar nenhuma palavra. Falamos quando ouvimos e lemos. Falamos igualmente quando não ouvimos e não lemos e, ao invés, realizamos um trabalho ou ficamos à toa. Falamos sempre de um jeito ou de outro. Falamos porque falar nos é natural. Falar não provém de uma vontade especial. Costuma-se dizer que por natureza o homem possui linguagem. Guarda-se a concepção de que, à diferença da planta e do animal, o homem é o ser vivo dotado de linguagem.²

Podemos aqui ver que a linguagem se abre para nós de maneira indeterminada e obscura, haja vista que não podemos defini-la, mas ela nos determina, a princípio pelo menos, conceitualmente. Nessa investigação, a investigação da linguagem, podemos afirmar que quando estamos tratando dela também tratamos de nós mesmos, pois falamos e falamos linguagem. Contudo, ainda se mostra muito nebuloso o caminho que se segue para o acesso à ela, pois parece que por mais que a falemos e com ela estamos em relação, pouco dela sabemos. Perguntemo-nos então: o que queremos saber? A resposta é outro questionamento, a saber: onde a linguagem, como linguagem mesma, se abre para nós de maneira que possamos a reconhecer? Queremos então conhecer o que é a linguagem em sua essência.

A arguição sobre a essência da linguagem é a nossa guia para tantos questionamentos propostos até então. Vai ser nas obras pós 1930 de Martin Heidegger (1889-1976) que fundamentaremos nossa busca sobre a linguagem em sua essência, sobretudo na sua obra *A Caminho da Linguagem*, primeiro publicada em 1959. Nela há uma reunião de preleções sobre a questão da linguagem, sendo a que principia nossas indagações de nome *A Essência da Linguagem*, de 1957, em que o filósofo nos convida a fazer uma experiência na linguagem.

Fazer uma experiência com a linguagem significa portanto: deixarmos-nos tocar propriamente pela reivindicação da linguagem, a ela nos entregando e com ela nos harmonizando. Se é verdade que o homem,

² Heidegger, 2003, p. 7.

quer o saiba ou não, encontra na linguagem a morada própria de sua presença, então uma experiência que façamos com a linguagem haverá de nos tocar na articulação mais íntima de nossa presença.³

Fazer uma experiência com a linguagem é irmos a ela de maneira que ela nos recepcione e permita-nos acessá-la. “Fazer” aqui está longe de produzir algo ou criar algo, mas significa voltar a ter acesso, encontrar a linguagem de forma sóbria, a tematizando, pois “[...] fazer uma experiência com a linguagem é algo bem distinto de se adquirir conhecimentos sobre a linguagem.”⁴ Quando tratamos de adquirir conhecimentos sobre a linguagem, estamos abordando a linguagem dentro de uma estrutura de conhecimento já estabelecida, em que já há uma determinação prévia sobre o que é a linguagem. A partir dessas pressuposições que temos disciplinas como, por exemplo, a linguística e a filologia.⁵

As áreas que tratam das diversas manifestações da linguagem estão inseridas numa conceituação corrente de linguagem, que é uma concepção científica, técnica, sobre a mesma. Essa concepção técnica é a que Heidegger critica, pois, quando se trata de técnica, estamos discorrendo sobre uma estrutura de pensamento moderna, do qual Heidegger diz:

O que é a técnica moderna? Também ela é um desencobrimento. Somente quando se perceber este traço fundamental é que se mostra a novidade e o novo da técnica moderna. O desencobrimento, que rege a técnica moderna, é uma exploração que impõe à natureza a pretensão de fornecer energia, capaz de, como tal, ser beneficiada e armazenada. Isto também não vale relativamente ao antigo moinho de vento? Não! Suas alas giram, sem dúvida, ao vento e são diretamente confiadas a seu sopro. Mas o moinho de vento não extrai energia das correntes de ar para armazená-la.⁶

A técnica, dentro dessa concepção moderna, trabalha o conhecimento como conhecer o ente, o que se questiona é o ente, que é dissociado e está a ser apreendido por alguém, sendo esse o sujeito. Essa estrutura de conhecimento é a que Heidegger chamará de metafísica, a “busca do ente pelo ente”,⁷ que dá base ao conhecimento técnico enquanto técnica científica. Essa estrutura de conhecimento é racional⁸ e entende o pensar como pensamento que calcula, formata as informações adquiridas a fim de explorar e universalizar o conhecimento. Esse pensamento técnico moderno é lógico e pretende ser inequívoco por ser verdadeiro.

³ Heidegger, 2003, p. 121.

⁴ Heidegger, 2003, p. 122.

⁵ Heidegger, 2003, p. 122.

⁶ Heidegger, 2006, p. 18.

⁷ Heidegger, 2008, p. 378.

⁸ *Animal rationale* (Heidegger, 2008, p. 379).

O que quer dizer “verdade” dentro dessa concepção? Verdade é estar em conformidade com a coisa e com o intelecto,⁹ é o que está de acordo com esse ente investigado (coisa) e a proposição (intelecto). Está aqui a concepção de “lógica”, a forma de conhecer a verdade a partir da técnica moderna. O que entendemos por “lógica” dentro dessa concepção técnica? Essa concepção é unívoca?

1. Da lógica ao *lógos*

Não é de se estranhar cotidianamente escutarmos, falarmos ou pensarmos termos como “é lógico que sim” ou “é lógico que não”, bem como “isso tem lógica” ou “isso não tem lógica”. Usamos essas sentenças para tratar daquilo que está ou não em conformidade com a realidade das coisas, num necessário critério de verificabilidade. Nesse sentido, o que significa “lógica”? Lógica será “a doutrina do pensamento correto”,¹⁰ é a partir dela que as coisas podem ser verdadeiras ou falsas. Essa noção de verdadeiro ou falso é advinda da técnica moderna em que o conhecimento do ente é cristalizado e exterior a nós mesmos,¹¹ pois pensamos o ente, “pensamos ‘coisalmente’”¹², o que se pensa e conhece parte de uma relação sujeito/objeto, criando uma ponte intransponível entre no pensar, a saber: onde é convocado o homem nesse modo de pensar.¹³

Tendo como objetivo uma experiência na linguagem, havemos de estar no meio, havendo então de superar essa tradição metafísica em que há o conhecido e o conhecedor. Como? Voltando às origens, no antes da técnica moderna. Voltemos à origem das palavras para que possamos compreender o que significa “lógica” a partir de uma reivindicação da própria linguagem, ou seja, como a linguagem nos permite acessar as palavras em seu viger, na sua forma mais pura e genuína. Para que isso seja possível, é necessário que as palavras sejam despidas dos valores e significados advindos da modernidade, necessariamente por isso é preciso dar um salto atrás para adentrarmos na reivindicação da própria linguagem.

“Pensar é preciso, e, em primeiro lugar, aprender a pensar”.¹⁴ É amplamente assumido que o humano é um ser racional, aquele que é dotado da capacidade de pensar, e pensar a todo

⁹ Heidegger, 2008, p. 192.

¹⁰ Heidegger, 1998, p. 199.

¹¹ Pois somos aqueles que absorvem o conhecimento, os que conhecem, e de maneira alguma temos propriedade nele, mas nos é posse o saber.

¹² Heidegger, 1998, p. 201.

¹³ Heidegger, 1998, p. 201.

¹⁴ Heidegger, 1998, p. 203.

momento. Mas por que Heidegger nos convida a aprender a pensar? Pois esse pensar não será a simples ação de uma faculdade mental ou espiritual. O termo em questão se abre como uma experiência de *inter-esse*, que significa ser sob, entre e no meio das coisas,¹⁵ e é a partir da própria lógica que estaremos nos relacionando com sua essência.

“Lógica” é oriunda do termo grego *lógos*, e bem nos anuncia Heidegger que há, além da lógica, outras palavras que se assemelham e se valem de uma significação parecida. Conhecemos e nos valem de expressões semelhantes, como ‘física’, ‘ética’. São derivações das palavras gregas correspondentes, *logiké*, *physiké*, *ethiké*,¹⁶ três conceitos conhecidos por nós pois são termos cotidianos: a lógica, como já dito, como doutrina do pensamento correto; a física como forma de investigação e compreensão da natureza; e a ética como o questionamento das formas de conduta e a investigação das tomadas de decisão. Contudo, ao voltarmos à origem desses termos gregos, notamos que os três são acompanhados pela palavra *epistéme*, que por nós é traduzido comumente como “saber” ou ciência, o que resultaria nos termos: *epistéme logiké*, *epistéme fisiké* e *epistéme ethiké*.

A ciência moderna, que é essencialmente técnica, tem sua origem na estrutura de pensamento da *epistéme*. Na nossa volta à origem das palavras, encontramos a correspondência de *epistéme* no verbo *epístasthai*, que significa se colocar frente a algo de maneira permanente a fim de que isso se mostre à sua visão.¹⁷ A partir disso, já podemos compreender a *epistéme* de forma mais aprofundada, pois ao traduzirmos apenas como “saber” ou “ciência”, estaremos, a princípio, dentro do império da técnica moderna, do conhecer a partir do ente, de forma coisal. Quando aprendemos a pensar a *epistéme* como colocar-se em frente, a partir de sua originalidade, vemos que há uma convocação da própria linguagem para a experiência epistemológica, é um chamamento de imersão.

A técnica moderna, por sua vez, também pode ser despida de toda significação que ela nos carrega, pois: “Se a ciência moderna é, como vimos, de ‘essência técnica’, é porque a *epistéme*, de onde deriva, é estreitamente aparentada com a *téchne* e não pode ser pensada fora dessa conexão.”¹⁸ “Técnica” possui sua origem na palavra grega *téchne*, que geralmente traduzimos como “arte”, “capacidade” e até mesmo “poder” (também no sentido de potência ou habilidade)¹⁹, todavia, essa tradução também já se encontra imbuída de significados do

¹⁵ Heidegger, 2006, p. 113.

¹⁶ Heidegger, 1998, p. 203.

¹⁷ Heidegger, 1998, p. 205.

¹⁸ Zarader, 1990, p. 205.

¹⁹ Heidegger, 1998, p. 215.

pensar moderno. *Téchne* significa, originariamente, “colocar no mundo. [...] É trazer algo para o desencobrimento, a fim de vigorar no desencobrimento como o que foi trazido, como o que aparece a partir de...”²⁰, ou seja, longe de simplesmente fazer alguma coisa, *téchne* é a experiência de interpretação e apropriação da verdade (o des-encobrir ou *alétheia*): é o que prepara para a verdade num colocar-se em meio de forma vigorante, tocando o mundo e sendo tocado por ele.

Téchne e *epistème* são palavras próximas: “se, com certo direito, devemos traduzir *epistème* por “ciência” – e devemos mesmo –, é porque, em seus fundamentos de essência, aquilo que conhecemos como ciência se determina e distingue pela *epistème* – pelo entender-se com alguma coisa.”²¹ Dessa forma, já estamos saindo da compreensão da técnica moderna e adentrando à experiência da palavra a partir daquilo que ela tem a nos dizer, ao seu reivindicar. Esse reivindicar é uma imersão, e a lógica pode ser compreendida como um entender com o *lógos*, um mergulho no próprio *lógos* (*epistème logiké*).

Vai ser a partir de um fragmento de Heráclito que Heidegger nos convida a pensar o *lógos* e sua profundidade no pensar como experiência. Temos por comum traduzir a palavra *lógos* como “fala”, “dizer”, “razão” ou “pensar”, por exemplo, todavia, devemos voltar à sua origem a fim de compreendermos seu significado antes da compreensão técnica. Tomemos o fragmento 50 de Heráclito em que está dito: “Auscultando não a mim mas o *Lógos*, é sábio concordar que tudo é um”²². Auscultar o *lógos*, essa é a orientação que Heráclito nos dá, pois é o próprio *lógos* que nos guia ao encontro de si próprio. Quanto à ausculta, é correto pensar que é um ouvir com o corpo, é uma imersão ao dito do próprio *lógos*, o que tem que ser ouvido. Como afirma Heidegger: “a ausculta não depende do que se tem no ouvido. A ausculta, na verdade, já sobre-escutou o que se percebe e o perceptível. A ausculta, aliás, só se dá puramente onde nenhuma percepção nos toca, onde nada soa. Chamamos essa ausculta de audiência.”²³

Auscultar o *lógos*, pois ele fala. “Falar” aqui não se trata de locução fonética, mas sim de uma reivindicação do próprio *lógos* para se mostrar a partir de si mesmo. A audiência é uma obediência também, pois ao passo que o *lógos* nos chama, se atentamente ouvirmos (auscultarmos), já atendemos a reivindicação de aprender. Aprender o quê? O que o *lógos* tem a propor-nos como uma experiência a partir de si. Ao atendermos à fala do *lógos*, atendemos também a sua reivindicação, “pois nós, de alguma maneira, pertencemos e não pertencemos a

²⁰ Heidegger, 1998, p. 213.

²¹ Heidegger, 1998, p. 212.

²² Heráclito, 1980, p. 81.

²³ Heidegger, 1998, p. 256.

tudo isso”.²⁴

Abordar o *lógos* é um caminho difícil devido à sua obscuridade, por isso é necessário fazer uma travessia pela palavra. Heráclito mesmo não define o *lógos*, haja vista que o pensador é anterior à tradição do pensamento metafísico, logo, ao perguntarmos “o que é *lógos*?”, estamos diante de fazer uma experiência na essência do próprio *lógos*, que é a experiência de ausculta.

A fim de clarear nossa experiência com o *lógos*, pensemos o mesmo fragmento a partir da tradução de Heidegger “Se não ouvirem simplesmente a mim mas se tiverem auscultado (obedecendo-lhe, na obediência) o *lógos*, então é um saber (que consiste em) dizer igual o que diz o *lógos*: tudo é um”²⁵. Ao atendermos a reivindicação, o falar, do *lógos*, adentramos àquilo que é essencialmente o *lógos*, o que de fato é sábio, pois “na justa ausculta do *lógos* surge e se dá o saber, em sentido próprio – *sophón*”²⁶, ou seja, o conhecer, o saber, está no íntimo do que é dito pelo *lógos*. O saber que é experienciado na fala do *lógos* é que “tudo é um”, como já citado, e isso quer dizer que o próprio *lógos* reúne em si o tudo na sua tessitura e na vigência²⁷. Esse tudo que é um para o qual Heidegger nos chama a atenção está à espreita a todo momento, é uma linha clandestina que vige enquanto o mundo está a pulsar. O uno do *lógos* é silencioso, e por silêncio entendemos o viger do mundo mesmo quando não o vemos, mesmo quando não estamos atentamente debruçados a o que diz o *lógos* no seu movimento reunidor de tudo. Sobre o dizer do *lógos* que se escuta (ausculta) no silêncio, Zarader dirá que:

Fica-se à espreita frente ao invisível, como se fica à escuta do silêncio. O que não significa que estejamos de emboscada – emboscada onde se prepara uma presa e um ataque – mas, muito pelo contrário, que nos mantemos numa atitude de receptividade, de submissão, de tensão de todo o ser em direção àquilo que talvez venha.²⁸

Essa reunião que o próprio *lógos* opera em seu dizer não é racional, mas é uma experiência de travessia, de pensamento, um aprender. Lispector, em seu texto *A Paixão Segundo G.H.*, de 1964, nos convida também a experienciar esse pulsar do mundo como movimento reunidor de tudo sendo um dizendo:

Vou agora te contar como entrei no inexpressivo que sempre foi a minha

²⁴ Heidegger, 1998, p. 259.

²⁵ Heidegger, 1998, p. 270.

²⁶ Heidegger, 1998, p. 271.

²⁷ Heidegger, 1998, p. 275.

²⁸ Zarader, 1990, p. 223.

busca cega e secreta. De como entrei naquilo que existe entre o número um e o número dois, de como vi a linha de mistério e fogo, e que é linha sub-reptícia. Entre duas notas de música existe uma nota, entre dois fatos existe um fato, entre dois grãos de areia por mais juntos que estejam existe um intervalo de espaço, existe um sentir que é entre o sentir - nos interstícios da matéria primordial está a linha de mistério e fogo que é a respiração do mundo, e a respiração contínua do mundo é aquilo que ouvimos e chamamos de silêncio.²⁹

Adentrar à experiência do dizer do *lógos* é ouvir por inteiro, auscultar esse dizer silencioso que reúne todos os entes: “tudo é um. [...] tudo (*panta*) é o ente que recebe no *hen* (um/uno) o traço fundamental de seu ser”³⁰.

2. Do *lógos* à linguagem

Até aqui entramos no dizer do *lógos* como via de acesso à experiência da sua essência reunidora e fundante no saber (*sophón*), agora acessemos um outro dizer do *lógos*, pois esse é de caráter plurívoco³¹. Heidegger nos remete à palavra *légein*, que possui a mesma raiz de *lógos*, e ressalta-o infinitivo. *Légein* possui duas significações, a primeira, que já abordamos, é a de reunir e recolher, a segunda é a que nós já conhecemos de “dizer” e/ou “falar”: a essência do *lógos* reúne o tudo em um, mas e o dizer e o falar, como se dão? Heidegger nos proporrá que, quando tratamos de experienciar o *lógos/légein*, estamos na relação originária da linguagem, numa experiência originária, “O *lógos* leva o fenômeno, isto é, aquilo que se põe à disposição, a aparecer por si mesmo, a brilhar à luz de seu mostrar-se”³², sendo assim, ao dizer.

Dizer é *légein*. Esta afirmação, quando bem pensada, se despe, então, de tudo que é banal, desgastado e vazio. Evoca sim o mistério insondável de a fala da Linguagem acontecer em sua propriedade pelo des-encobrimento do vigente e se determinar de acordo com a disponibilidade que deixa o real à disposição num conjunto.³³

Chegamos à linguagem como cerne da experiência do dizer, do *légein*, devido à nossa experiência: “é que a linguagem no seu todo foi experimentada a partir do dizer, e que este dizer adveio, no âmago da língua grega, como recolha, ser e presença. É este o acontecimento original que atravessa e rege, ainda que sem que o saibamos, toda nossa relação com a palavra.”³⁴

²⁹ Lispector, 2009, p. 74.

³⁰ Heidegger, 1998, p. 275.

³¹ Zarader, 1990, p. 214.

³² Heidegger, 2006, p. 188.

³³ Heidegger, 2006, p. 188.

³⁴ Zarader, 1990, p. 231.

“Mas onde a linguagem como linguagem vem à palavra?”,³⁵ pergunta Heidegger a fim de experienciar a essência da linguagem. Como resposta, encontramos o inexpressível, o indizível, mas existente, que nos move e nos direciona, pois a linguagem, como linguagem, a partir de si própria, é uma forma de encontrarmos e experienciarmos a nós mesmos, haja vista que a linguagem pertence à vizinhança mais próxima do humano,³⁶ pois falamos mesmo quando não deixamos soar o mínimo som. Nos é inevitável a fuga da linguagem, pois falamos e falamos linguagem. Como podemos acessar a linguagem em sua essência? Por “essência” compreendemos “*Wesen* tem o sabor dinâmico de: sendo. Aquilo que dinamicamente está agindo, sustentando, vitalizando...”.³⁷ Perguntamo-nos então como podemos reconhecer a linguagem em seu viger, em seu exercício.

“A linguagem fala”³⁸. O que quer dizer isso? Que a linguagem vem à palavra como linguagem, numa reivindicação própria, no seu próprio dizer e a ele devemos estar atentos, fazer como fizemos na linguagem originária: auscultar, uma audiência. Então, para conhecer a linguagem em seu exercício, em sua essência, devemos ouvir sua fala. Onde a linguagem se manifesta como tal de forma a reconhecermos e imergirmos no inexpressível, no indizível, que nos afeta, oprime, nos move?

Se devemos buscar a fala da linguagem no que se diz, faríamos bem em encontrar um dito que se diz genuinamente e não um dito qualquer, escolhido de qualquer modo. Dizer genuinamente, é dizer de tal maneira que a plenitude do dizer, própria ao dito, é por sua vez inaugural. O que se diz genuinamente é o poema.³⁹

No poema é que se guarda a palavra da linguagem, é no poema em que a linguagem dá livre acesso ao seu dizer. Vai ser, também, a partir de um poema de Stefan George (1868 –

³⁵ Heidegger, 2003, p. 123.

³⁶ Heidegger, 2003, p. 7.

³⁷ Harada, 1970, p. 5. Também há uma nota de rodapé da tradutora de *A Caminho da Linguagem* que diz: “A palavra alemã *Wesen* significa comumente essência. Ao longo de sua obra e muito claramente no presente volume, Heidegger “destrói” o sentido de essência, devolvendo-o para a experiência de realizar o modo de ser, de vigorar, expressa num antigo verbo alemão *wesen*, *vigir*, *vigorar*. Para acompanhar no texto a transformação do sentido eminentemente metafísico de essência para a experiência da simplicidade do vigor, percorrida de maneira muito particular no presente volume e explicitamente discutida por Heidegger no capítulo intitulado “A essência da linguagem”, a tradução usou uma espécie de glissando semântico entre essência, modo de ser e vigor. Considerando não apenas o sentido mas igualmente o fato de o verbo latino *uigeo*, vigorar, e seus derivados terem a mesma proveniência que *wesen*, a tradução insistiu em traduzir por vigente e vigência os derivados de *wesen*, tais que *anwesen* e *Anwesenheit*, habitualmente traduzidos por presente e presença. Para guardar essa mesma genealogia filosófica, traduzimos por vigor de já ser a palavra *Gewesenheit*, expressão muito decisiva na obra de Heidegger, que é uma substantivação de *gewesen*, passado do verbo ser, *sein*, e que guarda em sua morfologia a raiz *wesen*.” (Heidegger, 2003, p. 8).

³⁸ Heidegger, 2003, p. 9.

³⁹ Heidegger, 2003, p. 12.

1933), chamado *A Palavra* (1919), que Heidegger fará uma experiência hermenêutica, ao ressaltar o último verso que diz “nenhuma coisa que seja onde a palavra faltar”.⁴⁰ O que diz esse verso? Que a linguagem, no seu dizer que é poético, anuncia, deixa ver, traz à tona, re-anuncia⁴¹ e esse re-anunciar é trazer a coisa àquilo que ela mesmo o é. A palavra da linguagem, dessa forma a própria linguagem, dá ser ao nomear, e nomear é estabelecer o ente como tal.⁴²

A linguagem não vai ser um constructo humano, tão pouco por ele é dominado. Vai ser na linguagem que encontramos o íntimo de nós mesmos, encontramos o ambiente mais íntimo ao nosso existir. Se nada há ou existe onde falta a palavra,⁴³ é porque nós mesmos só somos porque somos na linguagem, e ser na linguagem é desfrutar e imergir na essência da linguagem; por isso Heidegger é enfático ao dizer que “a linguagem é a casa do ser”,⁴⁴ pois é na linguagem que nós encontramos habitação, e por “habitar” não se compreende estar naquilo que foi construído num fazer, num produzir, num criar (por si ou por outro)⁴⁵, todavia, uma permanência, um pertencimento, uma realização-em⁴⁶. Assim nós moramos na linguagem, pois é ali (ou aqui) que encontramos a permanência de nós mesmos, onde nos deparamos com a mais justa realização de nossas possibilidades de ser.

Conclusão

Uma hermenêutica na linguagem é um caminho de aprendizagem, é uma travessia, em termos roseanos. Por “travessia”, compreendemos “Fazer uma travessia, atravessar na experiência significa: aprender”.⁴⁷ Aprendemos com e na linguagem sobre nós mesmos, sobre a própria linguagem e sobre o que ela propicia. Essa travessia, ou aprendizagem, é uma experiência própria e única, pois reúne o todo em um, uma aprendizagem sábia, em que se ausculta atentamente o dizer da própria linguagem. Também havemos de compreender que estar em contato com o dizer da linguagem, com sua essência, não é uma realização estática, pelo

⁴⁰ A palavra: “Milagre da distância e da quimera / Trouxe para a margem de minha terra / Na dureza até a cinzenta norna / Encontrei o nome em sua fonte-borda - / Podendo nisso prendê-lo com peso e decisão / Agora ele brota e brilha na região... / Outrora eu ansiava por boa travessia / Com uma joia delicada e rica / Depois de longa procura, ela me dá a notícia: / “Assim aqui nada repousa sobre razão profunda” / Nisso de minhas mãos escapou / E minha terra nunca um tesouro encontrou... / Triste assim eu aprendi a renunciar: / Nenhuma coisa que seja onde a palavra faltar.” Heidegger, 2003, p. 174.

⁴¹ Heidegger, 2003, p. 176.

⁴² Heidegger, 2003, p. 127.

⁴³ Heidegger, 2003, p. 174.

⁴⁴ Heidegger, 2003, p. 127.

⁴⁵ Heidegger, 2006, p. 125.

⁴⁶ Heidegger, 2006, p. 126.

⁴⁷ Heidegger, 2003, p. 177.

contrário, vitaliza a cada momento nos dizeres poéticos, que não está arraigado somente ao puro filosofar, mas onde quer que haja a experiência do pensamento: seja em músicas, textos, quadros ou dizeres. Há-se de compreender que nós vigemos no viger da linguagem.

Referências

HARADA, Hermógenes. *Verdade e Liberdade*. Seminário sobre o texto: Da essência da verdade, de Heidegger. 1970. Disponível online em <https://pessoapessoa.blogspot.com/2016/03/verdade-e-liberdade-frei-hermogenes.html?m=1>. Último acesso em 13.16.2024.

HEIDEGGER, Martin. *Língua de tradição e língua técnica*. Lisboa: Ed. Passagens, 1995.

_____. *A Caminho da Linguagem*. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2003.

_____. *Ensaio e Conferências*. 3. ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2006.

_____. *Marcas do Caminho*. Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. *Ser e Tempo*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. *Heráclito: a origem do pensamento ocidental: Lógica: a doutrina heraclitiana do lógos*. Rio de Janeiro, RJ: Relume Dumará, 1998.

HERÁCLITO. *Fragmentos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1980.

INWOOD, Michael. *Dicionário Heidegger*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2002.

LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

ZARADER, Marlène. *Heidegger e as palavras da origem*. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.